

# Realidade neurótica, recusa da realidade e realidade da renúncia

Bernard Chervet<sup>1</sup>, Paris

*Após a segunda tópica, Freud se refere a uma perda da realidade para diferenciar as neuroses das psicoses. Na realidade neurótica, o papel dos imperativos ativos antes da instauração do Supereu mostra que se trata da perda do processo de enlutamento pelos objetos edípicos, responsável pelo advento da objetividade madura. Isso explica a regressão a uma objetividade infantil. As duas realidades, externa e intrapsíquica, mantêm relações de transposição e cooptação. A transposição das tendências pulsionais extintivas ocorre para as ameaças ouvidas e as ausências vistas. Instala-se o complexo de castração com seus dois tempos ligados ao conflito entre a recusa e as renúncias a serem feitas. Na recusa, a libido de renúncia é perdida para o funcionamento psíquico ideal. Ela serve para a formação de substitutos da realidade. A prova de realidade e o juízo do Eu são afetados.*

*Palavras-chaves: Neuroses; Transposição; Cooptação; Princípio de realidade; Imperativo de renúncia; Realidade da castração; Recusa; Prova da realidade; Juízo de sentido*

---

<sup>1</sup> Médico psiquiatra. Membro titular e analista didata Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP).

Bernard Chervet

---

A que realidade Freud se refere, em 1924, ao rever duas vezes, em um intervalo de apenas alguns meses, sua tentativa de estabelecer uma diferença clara entre *neurose* e *psicose* – às quais ele acrescenta as novas *psiconeuroses narcísicas* – tomando como ponto de referência a *perda da realidade* (1924 [1923]/1992a, 1924/1992c)?

No plano manifesto, Freud tenta encontrar um sólido ponto de referência para embasar uma nova categorização nosográfica, e ele o faz à luz de sua muito recente divisão tópica do aparelho psíquico em três instâncias, com a introdução, em particular, da instância do Supereu. De modo mais implícito, tenta uma reavaliação da *moeda neurótica* (Freud, 1911/1998) enquanto realidade específica e um aprofundamento teórico das noções de *perda* e *realidade*. Há algum tempo que Freud sabia da existência de várias realidades, tanto as acessíveis pela percepção sensorial quanto aquelas que chegam pela face interna da nossa consciência, nosso sexto órgão dos sentidos. Em 1923, Freud percebe a necessidade de introduzir novas diferenciações entre a realidade psíquica propriamente dita e as realidades do psiquismo, algumas das quais – o Id, o Supereu e determinadas partes do Eu – constituem uma extraterritorialidade em relação à realidade psíquica.

Assim, em um primeiro artigo redigido no final de 1923, Freud propõe, utiliza e aplica com entusiasmo uma esquematização para fins de discriminação nosográfica. Em um segundo texto redigido na primavera de 1924, ele invalida sua demonstração por julgá-la simplificadora. Por fim, em 1927, ele próprio critica sua dupla tentativa: “Logo depois, porém, tive motivo para lamentar ter-me aventurado tão longe . . . e acreditei ter sido culpado de um erro em minha caracterização da neurose e da psicose” (1927/1994b, p. 129)<sup>2</sup>.

Ao propor sua série de fórmulas binárias – conflito entre o Eu e o Id no caso das *neuroses de transferência*, conflito entre o Eu e o Supereu nas *psiconeuroses narcísicas* e conflito entre o Eu e a realidade nas *psicoses* –, Freud percebe que está fazendo da realidade uma instância e que, se colocar no mesmo plano as diferentes instâncias e a realidade, ou até mesmo as realidades, sua abordagem está fadada ao fracasso. No entanto, por experiência, ele considera que a realidade contém uma parcela de verdade a inferir. Por isso, sem renunciar à sua intuição, Freud mantém a ideia de que a *relação com a realidade* própria de cada uma das grandes categorias nosográficas é o elemento que as diferencia entre si e de que essa relação com a realidade, com as realidades, implica as três instâncias. A perda da realidade não

---

<sup>2</sup> N.T.: Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1974). Fetichismo. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (ESB) – *O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos* (Vol. 21, p. 183). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)

deve ser reservada a uma categoria nosográfica, mas examinada especificamente para cada uma delas: “Assim, posso ater-me à expectativa de que, numa psicose, uma daquelas correntes, a que se ajustava à realidade, esteja realmente ausente” (Freud, 1927/1994b, p. 130)<sup>3</sup>. Freud acrescenta que a chamada perda de realidade também diz respeito às neuroses e que isso é conhecido há muito tempo.

Assim, depois de sustentar que a perda da realidade era patognomônica da psicose e que tanto as psiconeuroses de transferência quanto as narcísicas estavam isentas, Freud renuncia a essa diferença radical que não levava em conta alguns de seus escritos anteriores.

Na verdade, Freud dispunha potencialmente de uma teoria da recusa havia muito tempo, mas esta permaneceu latente até 1923. Anteriormente, ele a atua no próprio processo de teorização. Por exemplo, nos dois textos sobre o esquecimento do nome de Signorelli (1898/1989b), seu ponto inicial é a perda de um nome próprio que foi hipotecado por um material inconsciente atrator, resultando em sua indisponibilidade no pré-consciente. A partir disso, Freud segue um longo caminho associativo que lhe permite identificar o papel da culpa inconsciente (o juízo final) e consolidar o pré-consciente com numerosas associações que formam uma verdadeira rede associativa, uma concatenação associativa que exerce uma função de contrainvestimento em relação às atrações negativas do inconsciente. Todavia, ele precisa da ajuda de um viajante fortuito para poder libertá-lo de seu esquecimento e, assim, libertar o nome do pintor de sua captura. Graças a esse aporte de um sobreinvestimento externo, Freud volta a dispor do nome; mas, então, as imagens dos quadros antes tão nítidas perdem a sua intensidade perceptiva. A perda inerente ao esquecimento veio acompanhada por uma saturação da consciência em decorrência da intensidade da lembrança das imagens excessivamente nítidas. Três anos mais tarde, em 1901, ao voltar a falar desse esquecimento em outro texto, Freud fornece uma informação que estava ausente no primeiro artigo, o fato de que dito esquecimento ocorreu no momento em que ele sofreu o impacto do anúncio do suicídio de um antigo paciente turco que sofria de uma doença incurável. No entanto, ele não relaciona os dois textos, nem concebe o valor desse recalque de um conteúdo verbal em sua ligação com a recusa temporária do traumático envolvido no suicídio e transmitido por ele. A teorização dessa perda reversível exigiria a articulação das funções respectivas e complementares do recalque e da recusa.

Os dois textos de 1924 sobre a perda da realidade esboçam a exploração comparativa de várias “perdas” eventuais: uma diz respeito à percepção da realidade

<sup>3</sup> N.T.: Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1974). Fetichismo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB) – O futuro de uma ilusão. O mal-estar na civilização e outros trabalhos* (Vol. 21, pp. 183-184). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)

Bernard Chervet

---

externa e a outra se refere às realidades intrapsíquicas, o que permite o estudo das relações entre ditas perdas e realidades. Na verdade, Freud tenta teorizar a recusa da realidade e fazer dessa noção fenomenológica um conceito psicanalítico, avaliando assim a sua função no funcionamento psíquico nas principais categorias nosográficas.

Partindo deste ponto de vista, o texto de 1927 a respeito do feticchismo (1927/1994b) prolonga aquele de 1925 sobre a diferença anatômica dos sexos (1925/1992f). Ambos examinam a implicação da recusa quando percebida a ausência do pênis no baixo-ventre feminino. Porém, a questão teórica diz respeito ao valor psíquico da descoberta dessa diferença. Cabe, assim, questionar os efeitos psíquicos de tal percepção, mas, sobretudo, as razões que governam uma descoberta que foi antecedida por um desconhecimento envolvendo a recusa. O que compele o psiquismo a realizar essa descoberta com efeitos considerados traumáticos? O que é percebido no momento da percepção da diferença dos sexos e que tem um efeito traumático? E, mais especificamente ainda, o que é transposto da realidade psíquica inconsciente para essa diferença procurada-encontrada na percepção externa?

No que se refere às neuroses, é preciso abordar o papel que a diferença dos sexos desempenha na realidade neurótica, isto é, explicar seu impacto traumático, mas também entender como essa percepção pode ser utilizada para completar o funcionamento psíquico, ou seja, para o tratamento da dimensão traumática próprio das pulsões. Sabemos que a realidade neurótica caracteriza-se por uma falta de renúncia no plano das relações objetais, que permanecem infantis e não chegam à maturidade pelo enlutamento dos objetos edípicos. O traumático, portanto, está ligado a essa falta de renúncia.

Essa transposição de realidades internas inconscientes para realidades sensoriais externas é o trajeto indispensável que devem seguir as realidades inconscientes para se tornarem conscientes e, em especial, para que a sua existência seja psiquicamente efetiva. Ela produz metáforas animistas entre as realidades inconscientes e as realidades externas perceptíveis. Graças a tais identificações recíprocas, elas mesmas inconscientes, e à formação de representações intrapsíquicas a partir dos traços perceptivos, o trabalho psíquico pode se realizar e, assim, tratar as aspirações pulsionais que visam à extinção e que são sentidas como traumáticas pelo pavor. É a função do trabalho do sonho realizar-se com representações sob a cobertura de uma recusa da percepção externa.

O efeito desse trajeto que articula a transposição de realidades inconscientes, a cooptação de representações e o tornar consciente é dar um valor psíquico às realidades externas percebidas que serviram de suporte de transposição e que, depois, foram cooptadas em conteúdos psíquicos. Essas realidades externas antes

tenham sido percebidas, mas, ao mesmo tempo, foram ignoradas pela psique. A Bíblia aborda a questão através da parábola dos olhos de Adão e Eva que se abrem, o paraíso perdido sendo uma criação *après coup* do levantamento da recusa anterior. Recusar passa a ser, então, um desejo e uma nostalgia.

Em 1909, Freud tentou teorizar a recusa e a gênese dos fetiches de acordo com as lógicas do recalque e da fabricação de substitutos do recalçado como formações póstumas produzidas pelo processo do *après-coup* (1909/1989). O texto foi apresentado nas reuniões da quarta-feira e nunca foi publicado. No entanto, somente a partir de 1923 que Freud se defrontou com a implicação da percepção e da recusa no tornar consciente e com a participação da nova instância, o Supereu. Essa abordagem o faz escrever, em 1938, que o sonho é uma psicose e que o trabalho do sonho inclui uma recusa momentânea e reversível, condição para que tal psicose seja inofensiva, mas útil e indispensável (1940 [1938]/2010). A recusa permite efetivamente que o trabalho do sonho cumpra suas funções de saturação da consciência pela realização de um desejo, de regeneração libidinal do psiquismo e de proteção do corpo somático pela construção do corpo sensual erógeno.

Para realizar esse trabalho de oposição às atrações pulsionais extintivas, os processos psíquicos são auxiliados por materiais provenientes da percepção sensorial externa – os traços perceptivos – para transformá-los em representações. Essa transformação usa as potencialidades extintivas para realizar uma retenção que inclui a dor como fundamento do pensamento e do desejo; daí provém o primeiro masoquismo ligado a uma primeira renúncia, o *masoquismo de retenção*. Esse trabalho se dá sob a égide de um imperativo de retenção e de inscrição intrapsíquica. Em seguida, a transposição das realidades inconscientes poderá ser feita, como no trabalho do sonho, para esses materiais representativos. O imperativo de inscrição sustenta uma transposição para esses materiais tangíveis. Contudo, a regressividade extintiva ativa em toda moção pulsional entra em correlação com a percepção sensorial da falta inerente a qualquer diferença, e não com o perceptível tangível dessas diferenças. Ora, a percepção de uma falta não produz traço nem representação, daí a necessidade de um outro trabalho psíquico que utilize as representações, mas que não é um trabalho de representação. Trata-se de um trabalho de transformação da economia regressiva, de *renúncia* à extinção em benefício dos investimentos; é, assim, um *trabalho de pensamento*.

Toda percepção de diferença gera duas categorias de percepções sensoriais: as percepções do tangível, que dão origem a representações e podem ser comparadas, e as percepções da falta, que permanecem sem traço nem representação e que entram em ressonância com a regressividade extintiva. A percepção do tangível produz os traços e as representações do narcisismo das pequenas diferenças, conforme

Bernard Chervet

---

as diversas vias sensoriais. A percepção da falta dá origem à vivência traumática, explicando diretamente a distância de natureza entre o investimento e a extinção. A extintividade pulsional tem sua confirmação no que é “visto” dessa distância entre o tangível e o intangível. Cada uma das vias de extinção – tanto a via que reduz ao *sem vida* da pulsão de morte quanto aquela que estende ao *infinito* da pulsão de vida – produz uma teoria sobre a ocorrência da extinção: pela redução-eliminação, pela extensão-diluição. Desta forma, a castração encontra teorias ilustrativas que supostamente a explicam. É o resultado de transgressões, insuficiências ou idealizações. Muitas expressões<sup>4</sup> refletem essas teorias: arruinar-se, gastar à larga, ir por água abaixo, perder é ganhar, etc.

A diferença tangível–intangível dá origem ao *perceptivo* propriamente dito, enquanto a comparação dos tangíveis envolve representações. Portanto, qualquer percepção de diferenças convoca o representativo e o perceptivo, pelo fato de que a percepção da falta está no princípio de toda diferença. A diferença endógena mais efetiva vem da discrepância entre as experiências de desaparecimento e aquelas de inscrição, uma discrepância de intensidade experimentada que foge a qualquer comparação de representações.

Em resposta ao pavor traumático, serão utilizadas representações provenientes do tangível e criadas teorias de causalidade e responsabilidade para explicar a falta. É isso que o trabalho do sonho faz todas as noites, da mesma forma que o psiquismo diurno age quando é solicitado com urgência por um efeito traumático. Ele põe em latência as percepções ligadas ao pavor e designa um responsável. A terceira fantasia originária, “a castração pelo pai”, é a teoria inconsciente prototípica da atividade de mentalização que consiste em produzir um cenário explicativo e de responsabilidade quando não há traço específico utilizável. O conceito de *traço faltante* é um verdadeiro *conceito inconsciente* (Freud, 1918 [1914]/1988) que completa aquele do *pequeno que se separa do corpo*.

É assim que a latência e o regime alucinatorio tornam possível manter uma saturação da percepção por representações provenientes do tangível, a fim de combater as atrações regressivas extintivas e inscrever as teorias infantis.

As aspirações pulsionais que visam à redução se reconhecerão diretamente nessa percepção da falta, enquanto aquelas que visam ao infinito serão transpostas para qualquer desaparecimento ligado a alguma aspiração e idealização. Essa inacessibilidade se torna um objeto de busca, uma vez que carrega consigo um objetivo ideal sem representação. O desprovimento de toda materialidade, portanto,

---

<sup>4</sup> N.T.: O autor cita expressões idiomáticas do francês para as quais não encontramos, em português, expressões exatamente equivalentes. Escolhemos, então, expressões muito próximas na língua de chegada para ilustrar o propósito do autor.

a percepção do que falta em termos de completo desprovimento, representa a assunção do próprio ideal. O amor e a imortalidade fazem parte dos protótipos deste inacessível a ser alcançado pelo apagamento, pelo desaparecimento e pela assunção. A não materialização de Deus, nem por sua imagem e nem por seu nome, é uma ilustração perfeita disso.

Como plexo de trocas e embocaduras de transposições dos mundos interno e externo, as zonas erógenas se prestam particularmente a serem os suportes das tendências pulsionais à redução e à assunção. A tensão de investimento, o desejo e o apaziguamento refratário, pós-satisfação, são suas expressões concretas corporais, sendo reatualizados na regressão sensual erótica para o sexual de órgão.

A transposição da distância entre investimento e extinção para a diferença dos sexos exige um *trabalho de comparação* entre as várias partes do corpo – daí o advento do par masculino-feminino – e um *trabalho de renúncia* induzido pela ruptura de natureza entre o tangível e o que falta. Serão descobertos, então, os dois pares da dupla diferença dos sexos, o *masculino-feminino* e o *dotado-desprovido*, ou seja, o reconhecimento de que a diferença entre os sexos é dupla. Este trabalho duplo possibilitará o surgimento da experiência da falta e a do amor.

Por intermédio das conversões históricas, o corpo deixa transparecer esse duplo jogo de qualquer diferença. O amor se inscreve em figuras de carne atravessadas por aquilo que tende a desencarnar em assunção. A extinção no infinito é figurada por meio da ereção como elevação sem jamais ser capaz de se representar como tal. O destino de Eros é deixar a carne para cuja perturbação contribuiu, diluindo-se na evanescência dos espaços celestes.

A partir de então, o trabalho de teorização das diferenças e de seu valor psíquico deve articular vários aspectos: a recusa de certas percepções da realidade externa; a supressão pela recusa do efeito traumático das percepções relacionadas com a realidade do que falta, ativas através de todas as diferenças e, em particular, a dupla diferença dos sexos; a propensão interna a buscar-encontrar diferenças externas perceptíveis que sirvam de suporte para a transposição de diferenças intrapsíquicas; o trabalho psíquico regressivo de retenção tornado possível sob a cobertura dessa recusa; a produção e a inscrição de investimentos libidinais capazes de reconhecer as diferenças recusadas; o levantamento da recusa a partir do momento em que se torna inútil. A realidade visada pela recusa é a diferença inerente à dualidade pulsional, ou seja, aquela entre a tendência pulsional extintiva e o imperativo de inscrição psíquica. Em última análise, trata-se da diferença entre a eficiência e a eliminação do imperativo superegótico, entre o *assassinato fundador* (Chervet, 2013) e o *assassinato eliminatório*, o “assassinato do pai” da tragédia edípica.

Bernard Chervet

---

Nossos trabalhos sobre o *après-coup* (Chervet, 2009) nos permitiram mostrar como a recusa é indispensável em um primeiro tempo e como o seu levantamento – em um segundo tempo (abrir os olhos) – só pode ocorrer após um longo trajeto regressivo que instala a realidade psíquica. Esse desvio regrediente permite um aporte de sobreinvestimento que implica um vínculo com a linguagem, um aporte favorável à sua libertação da atração regressiva das moções do Id.

Há, portanto, perda de realidade psíquica em um primeiro tempo, com a produção, em um segundo tempo, de um sintoma que revela essa perda, mas que a preenche com um substituto simbolicamente ligado àquela “perda”, no caso da realidade neurótica. A perda da realidade perceptível será reconhecida e levantada em um segundo tempo, após a realidade psíquica ter restabelecido suas funções, ou seja, depois de um período de trabalho psíquico regressivo. Foi somente em 1926 que Freud (1926 [1925]/1992g) esclareceu que o sintoma neurótico, na verdade, possui duas faces, uma delas negativa de perda, manifestamente aparente no esquecimento, e a outra positiva, originada de uma produtividade ligada de maneira simbólica àquela perda-recalcada.

No segundo artigo de 1924, Freud entende que a diferença buscada, bem como a sólida referência de distinção de que necessita, deve ser encontrada através do exame deste “substituto da realidade”. Seu primeiro movimento de radicalização referido a uma perda ligada à realidade havia deixado de lado não só seu texto de 1911 sobre o *princípio de realidade* como também as doze *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1917/2000), nas quais Freud sintetiza a formação dos substitutos para cada uma das neuroses. Insatisfeito, ele retoma tal estudo em *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926 [1925]/1992g), em 1926.

Com suas retificações, Freud dá a entender que uma formulação baseada em apenas duas das três instâncias é incompleta, e que a relação com a realidade exige a articulação das três instâncias. Os dois funcionamentos, *em conformidade com o desejo* e *em conformidade com a realidade*, dão conta dessas interferências e, portanto, dos processos inconscientes envolvidos. De fato, na primeira tentativa de demonstração de Freud, havia mesmo uma perda de realidade da metapsicologia em relação à própria tópica e, conseqüentemente, em relação à dinâmica e à economia psíquica.

Voltamos a questão levantada em momento anterior: o que Freud chama de “realidade” em seus artigos de 1924? Uma parte da tópica se presta mais a ser definida como “realidade”, servindo como referencial em uma abordagem de diagnóstico diferencial?

Um dos objetivos de Freud nos dois artigos de 1924, especialmente no primeiro, é esclarecer a diferenciação entre as principais entidades da psicopatologia.

Esse modo de proceder estabelecendo uma classificação é repetitivo em Freud. No entanto, em 1924, ele herda claramente a ameaça de desaparecimento do sujeito, que percorre *Além do princípio do prazer* (1920/1996b), e a aspiração à aglomeração da espécie, como estudada em *Psicologia de grupo e análise do Ego* (1921/1991a). Individualização e categorização passam a conjugar-se na função de retenção que se opõe ao desaparecimento e que deve ser sustentada pelo psiquismo. Ao mesmo tempo em que é uma elaboração científica, a teorização mantém uma função em relação ao próprio funcionamento psíquico.

Para Freud, essa abordagem nosográfica geralmente articula-se com a atenção voltada para o funcionamento psíquico. Ele se baseia em protótipos de funcionamentos que envolvem tipos de processos inconscientes. Basta reler as cartas a Fliess e os *Rascunhos* para entender a importância que Freud atribuiu a essa relação entre classificação e inferência dos mecanismos e processos subjacentes. Uma real necessidade de diferenciação pode ser identificada ao longo de sua obra. Seu artigo *Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada 'neurose de angústia'* (Freud, 1895/1989a) demonstra as possibilidades oferecidas por essa abordagem quando é articulada com outra abordagem, dedutiva, voltada para as “profundezas” compostas por mecanismos, funções e processos inconscientes. O entomologista, o botânico, o criador de herbário e o amante das belas diferenças eram atividades com as quais Freud se identificava prontamente.

Este gosto pela diferenciação é acompanhado, em Freud, pela atração por agrupar, formar conjuntos, em torno de um princípio comum, de um núcleo universal, de um mínimo denominador comum, de um processo típico que subsuma as diferenças mencionadas anteriormente e permita reunir e organizar a diversidade diferenciada em categorias. Esse aspecto tem a mesma motivação que aquele que organiza a repetição presente em qualquer quadro psicopatológico. Freud interessou-se muito pela repetição que, articulada à necessidade de individualização, permite o jogo da diferenciação-categorização. Assim, por exemplo, no caso das neuroses de transferência, o mecanismo do recalque é reconhecido por Freud como o elemento determinante comum associado à fixação regressiva e à formação de substitutos, os retornos do recalque. Outros quadros não neuróticos associam recalque e repetição, recalque e compulsão. É o recalque associado ao processo de fixação e de retornos que possibilita criar uma categoria e reunir quadros psicopatológicos aparentemente tão diferentes entre si, como os da histeria, da fobia e da obsessão. A nosografia é processual. Estes três últimos quadros, com certeza agrupados em uma categoria pelo tipo de recalque que lhes é comum, promovem, em nome de sua variedade clínica, uma classificação diferencial, a qual vai se referir

Bernard Chervet

---

ao material investido para a formação dos substitutos. Marcado pelas formas derivadas do recalque e pelos retornos do recalcado, o investimento poderá se dirigir, dependendo do tipo de neurose, para o corpo, para os traços perceptivos ou para os conteúdos de pensamento secundarizados. O retorno do recalcado assumirá a forma, no primeiro caso, de conversão com complacência somática, no segundo caso, de evitação com a eleição de uma percepção-representação e, por fim, de formação reativa com o uso de conteúdos de pensamento secundarizados. Nos três casos, o retorno do recalcado e o substituto, responsáveis pelas reivindicações pulsionais inconscientes e pela fixação de retenção, possibilitarão uma realização alucinatória dos desejos infantis disfarçados, em especial através do uso do corpo, da realidade perceptiva e de conteúdos de linguagem, respectivamente.

Toda classificação nosográfica combina estreitamente, portanto, uma extensão, um gosto pela diversidade – a qual pode se apresentar em uma infinidade lábil de diferenças – e uma restrição, uma atração pela repetição – a qual dá origem a um número reduzido de esquemas estabilizados.

Esse procedimento de diferenciação e de agrupamento também exige uma reflexão sobre o empirismo e a experiência perceptiva. Freud considera que esta nos é imposta passivamente, uma vez que recebemos muito mais estímulos pela via sensorial do que temos consciência de percebê-los. Com a noção do *escudo de Perseu*, Francis Pasche (1971) seguiu justamente essa concepção de um *bombardeio* contínuo dos órgãos dos sentidos por excitações emanadas do mundo externo, concepção esta já adotada por certos filósofos pré-socráticos que sustentavam uma teoria “atomista” da percepção do mundo. De acordo com tal concepção, todo ser humano está sujeito ao bombardeio de estímulos externos, dos quais só consegue escapar parcialmente e apenas por certas vias sensoriais. Trata-se de uma passividade por impotência, muito diferente da passividade do polo passivo, como aparece na montagem pulsional dos três destinos ativos-passivos-reflexivo. No último caso, a passividade é uma disposição pulsional ativa. O sujeito é, então, ativamente passivo, como é o caso nas atividades psíquicas da passividade, a exemplo do trabalho do sonho ou do trabalho de livre associação.

Todavia, a concepção de Freud é mais complexa. Se, por um lado, com o para-excitação e com o bloco mágico (1925/1992) ele propõe um mecanismo do tipo escudo de Perseu, voltado apenas para excitações externas, por outro, a teoria dos sonhos inclui moções pulsionais muito eficientes ao invés de um bloco de cera inerte. Assim, a teoria do sonho integra vários tempos: no primeiro deles, o adormecimento como recusa momentânea voltada para as percepções sensoriais; em um segundo tempo, o trabalho onírico que atende às moções pulsionais e se baseia na latência e nos mecanismos do processo primário. O para-excitação

torna-se mais complexo.

Freud também percebe que o tornar consciente requer uma transposição dos elementos inconscientes para percepções externas, viabilizando a identificação dos primeiros com as segundas e uma cooptação destas com a internalização na forma de representações. É possível, assim, conceber uma dupla correlação entre as tendências pulsionais e as percepções externas, além de um trabalho dessas correlações com base nas operações de transposição e cooptação. Isso apenas completa e enriquece as noções de latência, representante representacional e identidade de percepção, tais como introduzidas em 1900 na teoria dos sonhos.

O sonho noturno é certamente induzido pelas solicitações diurnas, em especial aquelas com valor traumático. Mas há também as moções pulsionais e a sua qualidade regressiva, que capturam na latência os traços perceptivos usados inversamente pelo trabalho onírico a fim de obter uma retenção contra a extinção, em nome do imperativo de inscrição. Sob a influência da atração regressiva das moções pulsionais, os materiais assim cooptados são diferenciados em representações que se tornam materiais de retenção (conteúdos-continentes) contra a atração extintiva, mas também trampolins para a economia dos investimentos futuros que, através desses materiais, podem ser apresentados à consciência, e a economia é orientada para os objetos como gratificação libidinal.

Na verdade, só é possível escapar da percepção em um segundo tempo, graças a algum dispositivo que aja sobre os traços e os investimentos como, por exemplo, por uma retirada dos investimentos da percepção, caso do adormecimento, e por uma regressão dos investimentos dos traços perceptivos, que, assim, se tornarão traços mnésicos e representações de coisa. Na realidade, o para-excitação não é uma desaferentação da percepção, mas um mecanismo que limita as interações entre as percepções sensoriais e as qualidades pulsionais extintivas. Ele tem, assim, um papel fundamental ao iniciar a oscilação noite-dia e o ciclo nictemeral. Gradualmente, cede lugar a um jogo oscilatório dinâmico mais complexo, que combina a latência, a recusa das percepções sensoriais, o trabalho do sonho e a promoção de uma gratificação libidinal capaz de reinvestir a consciência e as percepções sensoriais.

Esses recuos são acompanhados por uma regressão dos investimentos às atividades psíquicas da passividade, cujo protótipo é o trabalho do sonho. Assim, o desinvestimento passivo das percepções externas é acompanhado por um investimento dos traços mnésicos e pela produção, através das representações, de uma identidade de percepção que permita uma realização alucinatória.

As tendências internas à diferenciação e o jogo dos deslocamentos e condensações, sem deixar de lado a missão do trabalho do sonho, de saturar

Bernard Chervet

---

a consciência, expressam-se na elaboração dessa identidade de percepção que é governada por um *imperativo de saturação*, a qual é obtida através da verossimilhança do produto do sonho. Esse imperativo contribui para o fenômeno geral da *deformação* (*Entstellung*), realizada pelas atividades psíquicas regressivas. O material posto em latência é deformado para ocultar e usar as aspirações extintivas traumáticas. A verossimilhança e a coerência aparente são alcançadas através do quarto mecanismo do trabalho do sonho, a elaboração secundária, responsável por criar uma identidade de percepção verossímil, ainda que diferente da percepção da realidade.

Essa lógica da identidade de percepção e de sua função de saturação foi reconhecida tardiamente por Freud, pois somente em 1938 ele afirmou que o sonho era uma psicose, ao passo que já havia percebido, em 1900, a identidade de percepção alucinatória. O trabalho do sonho visa substituir a realidade perceptiva por uma neo-realidade em identidade de percepção que oculta a dimensão traumática reconhecida na percepção sensorial das diferenças. A discrepância entre esse perceptivo interno e a percepção externa pode ser considerada como uma *perda de realidade*, a realidade da falta, inerente a toda diferença, e que é chamada, em psicanálise, de castração. Na verdade, essa palavra privilegia a teoria que atende à percepção sensorial da falta, a qual, após um longo trabalho psíquico, dará origem às vivências de falta ao invés de vivências traumáticas.

Surge, então, a questão da *prova de realidade* entre o perceptivo alucinatório e a percepção sensorial, bem como a questão relativa à qualidade traumática inerente à dupla conexão existente entre a percepção sensorial das diferenças e a ambivalência fundamental entre a extinção pulsional e o imperativo de inscrição. O perceptivo alucinatório atende à correlação que existe entre essa tendência pulsional extintiva e a percepção sensorial da realidade da falta que não pôde deixar seu traço, a realidade do traço ausente.

Esta prova diz respeito ao que é chamado de empirismo. A definição dessa disposição como experiência referida à observação e à atenção, ou seja, ao sobreinvestimento das percepções passivamente sofridas, acaba se tornando muito menos simples a partir do momento em que é levada em consideração a identidade de percepção do perceptivo. As tendências à diferenciação, à síntese e à classificação são testemunhas da transposição da qualidade pulsional traumática em qualquer experiência de percepção, em particular na percepção das diferenças.

O papel que Freud atribuiu à realidade em 1923-24, além de o fato de que ele possa lhe ter atribuído implicitamente um valor de instância – algo que reconheceu como um erro epistemológico –, tudo isso foi influenciado pela ideia de que o Eu era compelido a uma diferenciação pelo simples fato dos estímulos serem

provenientes da realidade externa. Encontramos aqui a lógica seguida em *Uma nota sobre o bloco mágico*. A necessidade ou a *Ananke*, a qual Freud nunca deixa de se referir para explicar o desenvolvimento da psique, são mais frequentemente consideradas por ele, depois por Ferenczi e por muitos autores desde então, como coerções exercidas sobre o PC-Cs, pensado como sendo o núcleo do Eu, coerções exercidas pela realidade sensorial externa. Assim, um dos postulados que Freud manteve por muito tempo – e ao qual sempre se sentiu tentado a voltar – diz respeito a um estado de serenidade psíquica primordial, secundariamente perturbado por excitações de origem externa. Em 1911, em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, ele voltou a insistir nesse modelo, que é o do futuro narcisismo primário absoluto e no qual existe a precedência de um estado de serenidade em relação a um estado de excitação. No entanto, essa concepção do traumático ligado a um afluxo de excitações externas que excedem as capacidades de elaboração e de regulação da serenidade interna (o princípio de constância e o princípio de prazer) – concepção que ainda será predominante em *Além do princípio do prazer* – sofrerá uma primeira modificação significativa em sua famosa nota de 1911. Ao introduzir a necessidade de um aporte externo (os cuidados maternos) para a manutenção desse estado de serenidade, Freud não exclui a possível origem interna de excitações perturbadoras. Ele enfrenta aqui sua preocupação igualmente constante de manter como sendo primordial a fonte sexual somática e as moções pulsionais inconscientes, preocupação esta que já o tinha levado a desistir de sua *neurótica*. Para Freud, a fonte sexual é somática; a excitação sexual somática deve se tornar uma pulsão sexual psíquica.

Essa concepção de um estado primordial de serenidade só pode agregar logicamente mecanismos como o para-excitação, que dará origem a um adormecimento protetor com valor de recusa. Esses dispositivos devem permitir a reconstrução de um espaço fechado de natureza solipsista, mas temporário. Em 1911, Freud afirma que a serenidade só é possível se incluir os cuidados maternos (o calor trazido ao ovo pela ave que choca) e se o autoerotismo se engajar em um trabalho do psiquismo, o qual estará sujeito, por sua vez, a perturbações endógenas. Contudo, ele não especifica a origem das perturbações. No ano de 1915, em *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos*, Freud deita por terra a própria concepção que acabara de desenvolver em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914/1982), no sentido da regressão ao seio de um narcisismo absoluto e primordial, e fornece toda uma série de argumentos mostrando que esse sistema narcísico só pode ser alcançado e mantido por meio de um trabalho específico em duas frentes. O narcisismo primário não pode mais ser uma base de descanso e repouso garantido. Mesmo após a retirada das excitações perceptivas provenientes

Bernard Chervet

---

da realidade material externa, os estímulos internos – e não apenas aqueles provocados pelos restos diurnos – constroem a psique a continuar trabalhando e a manter certo contrainvestimento, fazendo isto através de um imperativo específico, a censura. Ela cumpre, assim, a função de moderar, por transformações específicas, as reivindicações pulsionais: certamente aquelas que tendem a despertar o sujeito por sua aspiração a encontrar os objetos diurnos, mas, sobretudo, aquelas que tendem a despertar o sujeito por sua regressividade até a extinção, desligada de qualquer orientação objetual, regressividade a um estado anterior, ativa na supressão do próprio narcisismo. Pesadelos, terrores e íctos noturnos refletem isso.

Pensou-se, assim, que a dimensão traumática tinha uma origem dupla, uma fonte dupla. Esse aspecto incomodou Freud. Ele procurou muitas vezes correlações que pudessem existir entre os dois polos envolvidos nessa aparente dupla origem traumática da excitação; essa dupla ameaça ao próprio narcisismo do sujeito.

A correlação sempre presente nas neuroses entre um evento diurno e uma lembrança-desejo infantil determinante está ausente nas neuroses de guerra e nas neuroses traumáticas. Tal ausência levará Freud a individualizar a neurose traumática como obstáculo à sua teoria dos sonhos, mas, acima de tudo, a revisar sua própria concepção do recalque e das neuroses. Em 1918, ele faz desse mecanismo, fundamento de toda neurose, uma reação a um trauma, uma neurose traumática elementar (1919/1996a). Seu modo de pensar sobre a neurose, a amnésia infantil, o recalque e, portanto, o inconsciente atemporal e as formações de substitutos passa, então, por uma revisão que considera a parte endógena essencial e primordial da dimensão extintiva traumática. A partir de 1920, embora a qualidade traumática permaneça ligada a algum evento externo por uma lógica fóbica, ela só pode ser repensada em relação à *regressividade* pulsional, ou seja, regressividade a um estado anterior até alcançar o inorgânico, aqui denominada *regressividade extintiva*. Essa tendência extintiva está envolvida na neurose através dos princípios de realidade e de prazer afetados por ela, o que explica a relação com a perda da realidade que se manifesta nas neuroses muito mais como uma ameaça do que uma realidade efetiva.

Esses comentários sobre o procedimento de diferenciação e agrupamento, bem como sobre o empirismo, aproximam-nos da realidade traumática e de nosso principal interesse pela noção de realidade.

Em 1911, Freud volta a insistir na especificidade da realidade psíquica, no fator fantasmático e em sua predominância na realidade neurótica. Assim, ele se opõe àqueles que gostariam de atribuir ao inconsciente um “valor-realidade” baseado na realidade externa como padrão. Na verdade, o artigo citado explora, acima de tudo, “as consequências psíquicas da adaptação ao princípio de realidade”. Trata-se, portanto, muito mais de um trabalho sobre o *princípio de realidade* do

que sobre a relação do homem com a realidade, apesar do anunciado nas primeiras linhas. Trata-se de reconhecer o lugar desse novo princípio psíquico envolvido no conflito entre o desejo inconsciente e a defesa, um princípio que virá a ser instaurado durante o desenvolvimento. Trata-se, assim, da realidade de um princípio conduzido, durante o sono-sonho, pela censura e, durante a vida diurna, pela prova de realidade. Sob o termo *realidade*, Freud introduz, sem aprofundar, a existência do que poderia ser concebido como um *princípio de renúncia*, o qual surge em oposição à regressividade extintiva. Desde o início da vida psíquica, ele está envolvido em todas as funções de inscrição, isto é, de retenção, de diferenciação em representações, de apresentação à consciência e de orientação objetal. Esse princípio se cumpre tanto pelo processo primário quanto pelo secundário. Sua eficiência varia dentro do que Freud chamou de princípio de prazer e princípio de realidade. Só é totalmente efetivo no segundo. No primeiro, limita-se a evitar o desprazer. Estes dois princípios constituem o conflito neurótico. Referem-se muito mais ao conflito entre processo primário e secundário do que à própria realidade. A realidade designada por Freud na expressão princípio de realidade é, portanto, a eficiência da renúncia assegurada pela censura e pelo Supereu, cuja eficiência estará em jogo na prova de realidade.

Este princípio de renúncia mantém vínculos com a linguagem, que é seu veículo. Sua economia é aquela dos sobreinvestimentos. Contudo, ele não pode ser confundido com a implicação da própria linguagem. É mais uma prova de realidade a que Freud deve se submeter. Depois de ter confiado totalmente na verbalização e no aporte do sobreinvestimento da linguagem conduzido pela interpretação, que promove o tornar consciente, Freud precisa questionar sua idealização do verbo e da interpretação. Em 1921, ele percebe que o sonho não é uma via régia para o inconsciente tão confiável quanto havia acreditado até então. O sonho pode ser “mentiroso e hipócrita” (1920/1996c), conforme o contexto associativo, transferencial e clínico em que é trazido à sessão. Depois, em 1923, em *O Ego e o Id* (1923/1991a), Freud descobre um possível uso da linguagem que se mostra contrário à tomada de consciência da realidade: “Quando uma hipercatexia [sobreinvestimento] do processo de pensamento se efetua, os pensamentos são *realmente percebidos* – como se proviessem de fora – e, conseqüentemente, são considerados verdadeiros”<sup>5</sup> (1923/1991c, p. 267, grifos do autor). A fala regressiva em sessão participa da saturação da consciência por esse sobreinvestimento do pensar. Nessa linha de raciocínio, em 1926, Freud intriga-se novamente com o

<sup>5</sup> N.T.: Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1976). *O Ego e o Id. ESB – O Ego e o Id. Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos* (Vol. 19, pp. 36-37). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

Bernard Chervet

valor da interpretação, mas procura reabilitar a interpretação da linguagem como a única via possível, se não a única confiável. “*Interpretar!* Que palavra sórdida!”<sup>6</sup> (1926/1994a, grifos do autor). O valor da interpretação em revelar a verdade do sujeito entra em conflito com o reconhecimento da realidade pelo próprio sujeito. Uma afirmação verbal adquire então um valor de negação em relação à realidade envolvida na enunciação. As palavras podem ser usadas para recusar aquilo que se está dizendo, especialmente quando se trata da realidade da “castração”, o que nos remete à discrepância existente entre as palavras e a realidade da falta. Dada sua natureza diferente, é possível falar da falta sem sentir qualquer coisa que possa provar sua vivência. Em última análise, a realidade recusada é a *renúncia* exigida pelo reconhecimento da realidade da falta. A enunciação requer uma renúncia à extinção que não é suficiente para alcançar um reconhecimento da realidade da falta. O dizer tudo estabelecido pela regra dá a esperança de uma assunção pela via verbal, assim idealizada. Outras renúncias deverão ocorrer até o luto dos objetos edípicos. Somente esta resolução tem valor de reconhecimento da realidade da falta e dá origem à inscrição de experiências de falta pela qualidade da dor moral.

São, portanto, as modalidades pelas quais o princípio de inscrição é levado em consideração pelos dois princípios combinados, o de realidade e o de prazer, os quais atribuem seus respectivos conteúdos à referida “perda da realidade” de cada uma das principais categorias nosográficas.

O modo específico da neurose diz respeito à perda de uma *parcela da realidade*, perda dessa parte da renúncia que incide nas relações objetais infantis, perda do enlutamento edípico. Freud afirma que essa “perda” já era conhecida antes de seus trabalhos. O último trabalho de P. Janet sobre as neuroses (1909/1919) e seus aspectos deficitários é a última prova disso. A psicanálise possibilitou ir além do ponto de vista defeccionista, concentrando seu interesse não em tal *perda*, mas nas condições fundamentais e específicas da neurose, ou seja, o recalque, as formações do inconsciente e os substitutos, que não foram levados em consideração por Janet. No entanto, P. Janet fala da “função do real”, e é exatamente essa noção de função que é o objeto da psicanálise. Nós a abordamos através de um princípio endopsíquico, um *princípio de renúncia*, que Freud chamou durante muito tempo de princípio de realidade na medida em que sua origem permaneceu por muito tempo ligada à realidade perceptiva externa. Esse princípio está envolvido nas várias funções de inscrição já mencionadas, a retenção contra a tendência extintiva, a integração das moções pulsionais no Id, a dessexualização instauradora do

<sup>6</sup> N.T.: Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1976). A questão da análise leiga. *ESB – Um estudo autobiográfico. Inibições, sintomas e ansiedade. A questão da análise leiga e outros trabalhos* (Vol. 20, p. 249). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)

narcisismo, a orientação dos investimentos para os objetos. Ele está sujeito a um imperativo de inscrição ativado por meio do para-excitação, da censura e do Supereu.

Assim, o artigo de 1911, oficialmente dedicado à relação com a realidade, com o *significado psicológico do mundo externo real*, foi um desvio que introduziu na teoria o *princípio de renúncia*, desvio “introdutório” ao estudo anunciado. Essa abordagem revela-se isomórfica ao seu objeto, ou seja, a serviço da dominação do imperativo de inscrição que garante a existência das realidades. Freud intui isso quando define o princípio de realidade como um princípio de prazer modificado pela capacidade de adiar a descarga, logo, pela introdução de uma renúncia, a do imediatismo. Ele reconhece ainda que o princípio de realidade não tem o valor de uma *superação do princípio de prazer*. Foi somente em 1924 que a renúncia encontrou um lugar central e fundador na resolução do complexo de Édipo (1924/1992b).

Essa investigação sobre a implicação da realidade perceptiva nos levou a distinguir o impacto da realidade externa daquele resultante de uma coerção interna que estabelece e torna efetivo um princípio de renúncia; coerção de origem endopsíquica com valor de realidade e ocultada no próprio termo realidade, termo que pode facilmente ser usado como condensação. Ao longo do caminho, puderam ser vislumbradas as relações entre essa coerção e a realidade externa vivenciada de maneira traumática, bem como o papel do imperativo superegóico. Também percebemos que as diferenciações nosográficas se baseiam nas diversas modalidades de manter à distância o Supereu e o princípio de renúncia, dependendo se o valor das tendências regressivas extintivas é ou não levado em consideração. Devemos acrescentar o papel da dupla transposição das tendências extintivas para a realidade de uma mensagem verbal (o que é ouvido) e para aquela de uma percepção visual (o que é visto), que constitui o complexo de castração. Essa transposição diz respeito aos acontecimentos endopsíquicos que têm um valor de ameaça de extinção, ou mesmo de sua realização (Chervet, 1996). A recusa da castração, conceituada em 1925, pode intervir ou não no curso dessas transposições e das cooptações a elas associadas.

Em 1911, o próprio Freud anunciou que essa questão da relação com a realidade externa deveria ser levada adiante. Ferenczi (1913/1970) a retoma em seu artigo de 1913, ao qual Freud se refere em várias ocasiões, em particular, em 1920, em *Além do princípio do prazer* (1920/1996b). É com base nos seus acréscimos de 1920, isto é, a partir do fato de que, na neurose traumática, o *valor-realidade* parece, ao contrário, prevalecer sobre qualquer realidade psíquica, que o próprio Freud leva adiante esse estudo. Ele reconhece a plena importância da resistência

Bernard Chervet

---

pela fixação no traumático. O trabalho psíquico fornece solidez ao psiquismo para resistir às tendências extintas. Assim, o chamado “valor-realidade” acaba sendo a realidade da eficiência do princípio de renúncia.

Um novo avanço teórico desponta. É uma obrigação para a psique usar a realidade perceptiva; delinea-se uma real necessidade de percepções, necessidade de imprimir traços e de inscrição, ligada à obrigação que recai sobre o aparelho psíquico de obter êxito nas várias modalidades regressivas de trabalho psíquico que, articuladas entre si, asseguram a orientação progrediente dos investimentos libidinais e o acesso ao sentido. A regressividade extintiva de 1920, envolvida na dimensão traumática, está na origem de tal necessidade de materiais tangíveis, perceptivos e representativos, de materiais de investimento. Depois de 1920, o recurso ao retorno do recalcado pode ser reconsiderado em relação a essa necessidade à qual ele obedece. As noções de transposição e cooptação vêm explicitar noções já conhecidas, mas não exploradas até então do ponto de vista teórico, tais como a coexcitação sexual e o animismo psíquico.

Como já apontado, o desenvolvimento do narcisismo do Eu, das pulsões de autoconservação, foi visto, durante muito tempo, quase que exclusivamente sob o impacto da realidade externa. É somente a partir de 1923 que as noções de transposição e cooptação – a segunda podendo ser vista como corolário da primeira – permitiram conceber essa necessidade endógena de desenvolver o Eu e alimentá-lo com conteúdos. Trata-se da necessidade de inscrever e investir. Para tanto, são necessários materiais tangíveis e representáveis, a partir dos quais serão produzidos os conteúdos psíquicos. A relação do Eu com a realidade depende, portanto, sobretudo das necessidades internas. A afirmação de 1923, segundo a qual “a percepção desempenha o papel que no id cabe ao instinto”<sup>7</sup> (1923/1991c, p. 269), acaba por ser, se levarmos em conta tal necessidade de investimento, uma formulação abreviada, ocultando – por simplificação – essa necessidade de investimento e o imperativo que a sustenta. A comparação com outra formulação, segundo a qual “qualquer coisa proveniente de dentro (à parte os sentimentos) que procure tornar-se consciente deve tentar transformar-se em percepções externas”<sup>8</sup> (1923/1991c, pp. 264-265), sugere que a realidade perceptiva é um desvio obrigatório. O processo de transposição-cooptação responsável por esse desvio é uma dinâmica de identificação; os conteúdos assim produzidos são identificações

---

<sup>7</sup> N.T.: Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1976). O Ego e o Id. *ESB – O Ego e o Id. Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos* (Vol. 19, p. 39). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

<sup>8</sup> N.T.: Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1976). O Ego e o Id. *ESB – O Ego e o Id. Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos* (Vol. 19, pp. 33). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

que instauram a economia psíquica.

Freud emprega o termo *transposição* (*Versetzung*) em várias ocasiões. Primeiro, como sinônimo de projeção fóbica, depois como sinônimo de transferência de investimentos para o sonho e, em 1911, com o sentido mais específico de “translação” dos investimentos livres em investimentos ligados, sendo que a translação tem o valor de *eleva o nível de todo o processo de investimento*, portanto, de uma mudança na economia. Em 1914, em seu texto sobre o narcisismo, ele fala em transposição da libido sexual para a libido narcísica. Essa transposição envolve o mecanismo da dessexualização.

Desde muito cedo, Freud concebe a existência dessa operação de transposição ativa, tanto dentro do psiquismo quanto entre o mundo interno e a realidade externa. Sua famosa nota de 1911 assume claramente esta última acepção ao explicar que o recalque “trata os estímulos desagradáveis internos como se fossem externos – ou seja, empurra-os para o mundo externo”<sup>9</sup> (Freud, 1911/1998, p. 15). O recalque é garantido por dispositivos que asseguram a manutenção do princípio de prazer contra os estímulos externos, “dispositivos por intermédio dos quais ele [o sistema que vive de acordo com o princípio do prazer] pode escapar dos estímulos da realidade”. O modelo da fobia é predominante nesse comentário<sup>10</sup>. Seguindo essa lógica, as percepções sensoriais angustiantes, as sensações histéricas e os pensamentos obsessivos tendem a ser atribuídos a alguma origem externa, permanecendo, ao mesmo tempo, subjetivamente sentidos como internos, ao contrário do que acontece no caso da projeção propriamente dita (*O caso Schreber*, 1911/2004). Por tal motivo, nesta citação, a noção de realidade permanece uma condensação.

É essa mesma lógica da transposição que Freud desenvolve de forma mais clara em *Totem e tabu* (1912-13/2009), dando ao animismo seu pleno lugar no funcionamento psíquico – lógica de metaforização amplamente explorada pelo teatro, que personifica em cena (1905-1906) movimentos, conflitos e processos intrapsíquicos, e que Freud (1920/1996b) também encontra no brincar das crianças (*o jogo do carretel* de 1920). No entanto, em relação a este último, Freud trata de uma função essencial da transposição: sua participação no surgimento de processos até então potenciais que se tornam eficientes apoiando-se na realidade externa. No caso do jogo do *for-da*, trata-se do processo de luto e de internalização da função

<sup>9</sup> N.T.: Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1969). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *ESB*, (Vol. 12, p. 279). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)

<sup>10</sup> A posição fóbica central de André Green está relacionada a esta lógica da transposição, a qual Freud concebe como se efetuando, na psique, entre a psique e a realidade externa e, também, no primeiro conjunto indefinido psique-cuidados maternos-realidade externa.

Bernard Chervet

---

materna. Essa dinâmica é acompanhada por uma translação tópica com mutação econômica dos investimentos envolvidos.

Todavia, foi em 1923, em *O Ego e o Id*, que Freud reconheceu esse mecanismo como tendo uma função fundamental em relação ao tornar consciente, a ponto de fazer dele um conceito, e, portanto, no advento da consciência e dos processos de pensamento. Assim, a transposição passa a ser um conceito básico para qualquer teoria psicanalítica do conhecimento. A transposição é feita para as percepções externas e para esse outro exterior que são os traços perceptivos (visuais e acústicos): “qualquer coisa proveniente de dentro (à parte os sentimentos) que procure tornar-se consciente deve tentar transformar-se em percepções externas”<sup>11</sup> (1923/1991c, pp. 264-265). Devido à transposição, “todo conhecimento tem sua origem na percepção externa” (p. 267)<sup>12</sup>.

Essas lógicas de transposição contribuem assim para o advento do conhecimento por meio de um desconhecimento, o da metaforização inconsciente, que caberá à ciência desfazer em um segundo momento mediante o acréscimo de mais uma renúncia. A psicanálise se apresenta como ciência secundariamente, ainda que de forma tardia. As outras ciências ditas exatas podem se beneficiar desse percurso de transposição útil para o psiquismo, mas desconhecido por ele. Na verdade, o adjetivo *exata* está a serviço de tal desconhecimento.

Essa dinâmica de identificação, promotora de metáforas, só pode ser entendida se a transposição for combinada com uma cooptação. Assim, a transposição elege um elemento de percepção externa no qual um elemento psíquico inconsciente se reconhece; a este último é concedida uma identidade que serve de suporte externo para a expressão de sua eficiência. Essa eleição, com a concessão de identidade, prossegue por meio de uma cooptação de representações provenientes da realidade eleita, o elemento externo percebido sendo então diferenciado a partir de seus traços perceptivos na representação interna, disponíveis de acordo com as necessidades do trabalho psíquico, as quais já estavam envolvidas na primeira transposição. É feita uma primeira identificação com o elemento externo, depois uma segunda por internalização. O primeiro tempo dessa identificação é coberto pelo segundo, que herda sozinho tal designação. Transposição e cooptação servem à identificação.

Esse processo torna-se particularmente claro no trabalho do sonho. Levá-lo em conta orienta a interpretação na medida em que se considera a latência, os restos

---

<sup>11</sup> N.T.: Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1976). *O Ego e o Id*. *ESB – O Ego e o Id. Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos* (Vol. 19, pp. 33). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

<sup>12</sup> N.T.: Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1976). *O Ego e o Id*. *ESB – O Ego e o Id. Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos* (Vol. 19, pp. 36). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)

diurnos e todo o movimento regressivo do sonho como algo ligado a necessidades internas, ativas durante o dia e preliminares a um futuro trabalho noturno, sendo essas necessidades as responsáveis por ativarem os mecanismos de transposição e cooptação. De acordo com outro ponto de vista, os elementos postos em latência e os restos diurnos estão ligados a transtornos diurnos de origem externa que caberá ao sujeito moderar durante a noite seguinte. Duas maneiras de ouvir os sonhos e interpretá-los decorrem disso: a primeira atribui maior importância às necessidades pulsionais, ao passo que a segunda atém-se mais às excitações provenientes da realidade material externa. As correlações entre a regressividade do Id, os desejos inconscientes, os pensamentos latentes e a realidade sensorial diurna correm o risco de não serem levadas em consideração se apenas uma das vias for seguida.

Essas observações se referem particularmente à neurose, na medida em que a transposição e a cooptação são os mecanismos envolvidos nas evitações fóbicas, nas conversões histéricas e nas formações obsessivas. Todas as reflexões sobre a relação da neurose com a realidade são dominadas por esse jogo de transposição e cooptação, a realidade servindo antes e acima de tudo como apoio para esses mecanismos e para as necessidades pulsionais internas. A dinâmica de identificação em dois tempos, conforme apresentada acima, permite afirmar que as neuroses são as patologias com maior riqueza psíquica e que é justamente essa realidade psíquica que busca dominar, mesmo quando se apresenta por meio de representações da realidade externa. Por outro lado, a realidade externa assim utilizada não é totalmente levada em conta; de fato, há uma perda de realidade, da realidade que seria acessível pela renúncia às atrações extintivas internas por meio das relações com os objetos edípicos sedutores. A objetividade se perde em benefício de modalidades incestuosas ocultas: “o predomínio do princípio do prazer só pode realmente terminar quando a criança atingiu um completo desligamento psíquico dos pais”<sup>13</sup> (Freud, 1911/1998, p. 15).

Apresenta-se de novo a dificuldade teórica já discutida anteriormente. Como a psique pode tratar o que não é representável e que, portanto, não pode dispor de conteúdos representativos específicos provenientes do jogo de transposição-cooptação? A extinção pulsional é transposta para a percepção das faltas perceptíveis pelas vias sensoriais, faltas estas que são inerentes a qualquer diferença e que não dão origem a nenhum traço específico ou representação. Os processos psíquicos do pensamento são principalmente mobilizados e devem responder por essa ausência de conteúdos. O trabalho dos processos substitui o

<sup>13</sup> N.T.: Tradução de J. Salomão. Freud, S. (1969). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *ESB – O caso Schreber. Artigos sobre técnica e outros trabalhos*, (Vol. 12, p. 279). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)

Bernard Chervet

conteúdo. O sujeito é informado disso pelos indícios qualitativos deste trabalho e pelos afetos e sensações endógenas, com indícios de seu êxito e de seus obstáculos, que são a fixação, a repetição e a compulsão. Pode até mesmo haver o recurso ao quantitativo, à multiplicação, ao frenético, à *petrificação* (*A cabeça de Medusa*, 1940 [1922]/1991d), ao *excessivamente nítido* e às variações de intensidade (1937), mas também à compulsão à redução (neurose de destino), à clivagem (fetichismo) e à extinção (calma operatória). O uso neurótico do representativo se traduz na fixidez de suas formações regressivas e na insuficiência de sua função de saturação, daí a cronicização das fixações.

Como já apontamos, a diferença entre os sexos e as diferenças perceptíveis nas zonas erógenas são os lugares eletivos de transposição das aspirações extintivas e das extinções que se expressam de forma manifesta pela tensão do desejo e pelo período refratário. A diferenciação masculino-feminino se beneficia dessa transposição e é usada para tratar a diferença traumática em si, aquela entre o desprovido e o dotado. As duas diferenças se sobrepõem e a diferença masculino-feminino tem contas a ajustar com a diferença traumática. Equivalências infantis são forjadas, envolvendo os quatro termos dessas diferenças. São associados o masculino ao dotado e o feminino ao desprovido, aos quais se combinam as teorias explicativas e de responsabilidade expressas em termos de *castração*. Assim, o complexo de castração deve ser repensado em função dessa operação de transposição, que usa a realidade de uma diferença perceptível como metáfora de uma diferença interna do psiquismo entre a extinção pulsional e o imperativo de inscrição. Trata-se da percepção de uma diferença em que um dos dois termos é uma falta, sendo, portanto, a percepção de uma falta em relação a outra percepção que, por sua vez, é tangível e representável. A psique se defronta com uma falta a perceber e uma falta a representar, as quais se ligarão às percepções do tangível por teorias sexuais infantis, interpretações, explicações, responsabilizações ou até mesmo acusações. Aos juízos de atribuição e de existência que permitem a comparação de dois tangíveis, o masculino e o feminino, soma-se um *juízo de sentido* que leva em conta as sensações de desprazer atribuídas a essa falta externa perceptível. A prova de realidade combina esses vários modos de juízo. O trabalho de pensamento solicitado pela percepção dessa dupla diferença produz as teorias do complexo de castração, o qual se apoiou nos tempos do que foi *ouvido* e do que foi *visto*, com suas respectivas vivências, a ameaça e o pavor. Sensações endógenas e teorias são convocadas e reunidas neste trabalho de pensamento. Resta mais uma possibilidade de escapar da prova de realidade, a negação que promove a intelectualização (1925/1992f), graças à qual é possível enunciar através da linguagem algo que, ao mesmo tempo, permanece negado. A realidade em questão

é conhecida em termos intelectuais, mas sem ser conhecida psicicamente. Ela não tem valor psíquico.

A existência do complexo de castração, patognomônico das neuroses, atesta o fato de que as sensações de origem endopsíquica, especialmente aquelas de desprazer que se devem às tendências extintivas, mantêm seu papel primordial, mesmo que sejam deformadas e dissimuladas pelo trabalho do processo primário. A lógica das transposições e cooptações é usada por Freud, em *O problema econômico do masoquismo* (1924/1992d), para abordar as operações que ocorrem na fonte pulsional. Segue então a correlação estabelecida pelo processo de coexcitação entre as sensações endopsíquicas e as percepções sensoriais, correlação esta na qual uma renúncia intervém e oferece uma saída positiva para o conflito básico entre a inscrição e a extinção. A coexcitação articula uma retenção dolorosa e uma criação de investimentos convertidos em erogenidade corporal.

Todavia, nos textos de Freud, a origem externa permanece às vezes predominante em relação ao complexo de castração, mesmo quando ele tenta fazer desse complexo uma reminiscência filogenética, uma vez que situa dita origem externa no passado da humanidade. Ele parece deixar de lado esse jogo de transposição, reconhecendo seu valor de conversão histórica dos afetos de pavor ligados ao *visto* e ao *ouvido* do complexo. Através da filogênese, Freud tenta reinternalizar uma fonte externa do pavor, mas não confunde angústia e medo. Também destaca a necessidade de repensar as neuroses, incluindo a questão da dualidade pulsional e da ambivalência fundamental que situamos em relação ao Supereu. O movimento de internalização se delinea sem ser concluído. O artigo de 1925 (1925/1992f) sobre as consequências psíquicas da diferença dos sexos no nível anatômico ilustra muito bem essa dupla abordagem de Freud. Já vimos como essas contradições fazem parte da conceituação da recusa da realidade e da própria realidade da recusa e seu levantamento: *Eu sei, mas mesmo assim*.

Na verdade, muitas reflexões de Freud mostram que ele sempre pensou que a maior coerção exercida sobre o trabalho psíquico vem de dentro da própria psique, sendo interna ao todo soma-psique, e que é ainda maior porque as excitações são sentidas de acordo com o afeto fundamental do desprazer. O artigo *O problema econômico do masoquismo* (1924/1992d), que segue imediatamente *Neurose e psicose* (1924 [1923]/1992a), coloca o masoquismo antes de qualquer sadismo e dá precedência à regressividade extintiva em detrimento do imperativo de inscrição. A dor de retenção, a dor pela tensão, atesta a existência de uma tendência contrária à extinção, graças a um trabalho específico, trabalho de investimento do todo corpo-objeto, trabalho da coexcitação libidinal.

Essa afirmação sobre o valor primordial do desprazer endógeno, repetida

Bernard Chervet

---

sem ambiguidade, é acompanhada, em Freud, pelo desenvolvimento concomitante de sua concepção do uso da realidade perceptiva externa de acordo com uma lógica fóbica. Essa lógica é responsável pelo fato de que as percepções emanadas da realidade externa tendem a dar o primeiro passo e a serem consideradas determinantes. Ela está a serviço do recalque. Assim, a ligação entre o recalque e o substituto, ligação *simbólica* (1924/1992c), também permanece inconsciente. Na verdade, o modelo completo de Freud, que se delineia progressivamente tornando-se quase explícito em 1923 (*O Ego e o Id*), é aquele em que qualquer perturbação de origem externa produz efeitos por sua correlação com as operações constitutivas das fontes pulsionais internas que se tornam perturbadoras da economia psíquica. Assim sendo, a dimensão traumática se apresenta, na teoria, como estando essencialmente ligada a essa perturbação proveniente de dentro, mesmo que tenha sido provocada fora. No entanto, em tal modelo, as perturbações são geradas fora, embora os efeitos estejam ligados a uma realidade interna. A necessidade endógena de materiais provenientes das percepções sensoriais externas não é levada em conta, tampouco sua consequência, qual seja, a transposição para o mundo externo percebido por razões internas. A transposição mostra que a dimensão traumática é endógena e está na origem de uma busca por percepções externas, às quais será atribuída a qualidade traumática. A busca, a eleição e o fato de designar-encontrar-despertar-produzir-criar uma realidade perceptiva externa devem ser levados em consideração. Essa passagem pelo exterior realmente atende a uma necessidade interna.

O corolário de tal postulado, já afirmado na teoria dos sonhos e reiterado em 1911 com relação à situação do bebê, é que qualquer perturbação interna procura encontrar externamente respostas adequadas que sigam o modelo do aporte de uma excitação específica chamada “cuidados maternos” providos por um outro, o *Nebenmensch*, o ser humano próximo. Essa exterioridade é, assim, facilmente acusada de insuficiência e falha. A reivindicação, a acusação, a perseguição e a projeção têm suas premissas nesta transposição.

As oscilações que ocupam esse debate entre a origem externa e a origem interna continuaram à medida que a noção de *exterioridade* se tornou mais complexa. De fato, já em 1915, inclusões negativas ou mesmo defeituosas nas identificações inconscientes foram tidas como responsáveis pela inquietante estranheza e foram identificadas como fantasmas, duplos, como *horla*<sup>14</sup>, visitante externo, alienígena que assombra a vida psíquica. Depois de 1920, a regressividade do Id e as

---

<sup>14</sup> N.T.: O termo horla é um neologismo criado por Maupassant. Várias hipóteses foram criadas para explicar a origem do nome. Pode ser uma composição da expressão *hors la loi* (fora da lei) e da palavra normanda *horsain*, que significa “o estrangeiro”. Mas pode ser também a justaposição das palavras *hors* (fora) e *là* (aqui), o que cria um paradoxo, mostrando a anormalidade da criatura e de sua presença.

partes inconscientes do Eu em extraterritorialidade, mas também o imperativo superegótico, passaram a ser concebidos como *exteriores* em relação à realidade psíquica. A lógica da transposição fóbica é convocada por essas novas entidades clínicas, bem como o desejo de um repouso psíquico primordial, originário, dependente do amor de outro, um bem-estar anterior a qualquer perturbação. Tais concepções se mostram tenazes e alimentam as teorias da intersubjetividade. A relação é posta em primeiro plano. Em 1938, em *Esboço de psicanálise*, Freud (1940 [1938]/2010) volta a falar de um narcisismo primário absoluto.

Todas essas contradições não deixam de ter reflexo no desenvolvimento das teorias psicanalíticas, que muitas vezes privilegiam apenas uma das premissas envolvidas no jogo de transposição-cooptação, tornando-se, assim, incompatíveis. Dois postulados diametralmente opostos embasam essas teorias. De um lado, existe uma precedência do narcisismo absoluto, acessível por regressão no sono-sonho ou graças à presença ou intervenção de um outro, uma precedência desse narcisismo em relação a um traumático de origem externa; do outro lado, o traumático interno preexiste a um princípio de prazer a ser sempre reconstituído. Ele está além do princípio de prazer. Neste caso, o traumático que está além depende da articulação da regressividade extintiva com o imperativo de trabalho psíquico responsável pela produção das várias modalidades de inscrição. Tal imperativo está envolvido em cada um dos processos que constituem a mentalização, seja ela infantil ou madura, parcial ou completa, distorcida ou típica.

Os dois artigos de Freud, encaixados entre aqueles de 1924 sobre “a perda da realidade”, dizem respeito respectivamente às modalidades inaugural e final do trabalho psíquico, : a modalidade da coexcitação que envolve uma primeira renúncia pela qual o corpo é investido, graças a uma mutação do sexual somático de órgão em sexual erógeno; a modalidade do luto edípico que completa a organização objetual da psique e garante a orientação dos vários investimentos intrapsíquicos para o investimento objetual. É este último lugar de implicação da renúncia que diz respeito às neuroses, além de permitir a resolução do complexo de Édipo e o acesso a uma objetividade madura pelo luto da objetividade infantil. *O problema econômico do masoquismo* (1924/1992d) e *A dissolução do complexo de Édipo* (1924/1992b) delimitam os dois polos fronteiros da realidade psíquica e da realidade do aparelho psíquico.

Os conflitos quanto a considerar a realidade da diferença dos sexos e quanto ao desfecho do complexo de castração segundo suas duas vias e seus dois tempos, que são a recusa e a renúncia, reúnem todas as contradições destacadas anteriormente. É essa relação com a diferença dos sexos e com a castração que permite abordar o mais específico das neuroses, diferenciando-as das outras

Bernard Chervet

---

organizações nosográficas. A articulação entre neurose, diferença dos sexos e complexo de castração sempre foi central para Freud. Em 1925, ela alcança seu apogeu no movimento de interiorização observado anteriormente, com recurso à filogênese, ao mesmo tempo em que a mensagem inerente à primeira, o que é *ouvido*, e a percepção própria da segunda, o que é *visto*, continuam sendo afirmadas por Freud como provenientes de fora. Prototipicamente, o *ouvido* emana da mãe mensageira, o qual designa o pai como sendo o executor da ameaça, e o *visto* é relacionado à percepção sensorial do baixo-ventre das mulheres comparado ao dos homens. No entanto, o fato dos olhos se abrirem em um dado momento, de acordo com uma temporalidade que depende do estado dos processos internos, e de que, antes, são submetidos a uma recusa, acaba nos remetendo aos dois tempos do complexo de castração; embora o visto e o ouvido não sejam os dois tempos em si, eles estão sujeitos, assim como a sua articulação, a um processo em dois tempos. A dupla transposição para mensagens ameaçadoras ouvidas e para realidades vistas da falta torna-se objeto de arranjos temporais em dois tempos, em torno dos quais Freud voltará a propor variações. Às vezes, ele sustenta que o visto precede o ouvido e, em outras, ocorre o oposto, que o visto dá valor traumático ao ouvido ou que o ouvido é a condição para que o visto adquira um valor traumático. Trata-se, na verdade, da temporalidade do levantamento da recusa, sendo que o visto e o ouvido são sujeitos à recusa. Ao mesmo tempo, essa precedência do levantamento da recusa do visto ou do ouvido acaba sendo o critério de diferenciação das várias neuroses de transferência.

Nos textos de Freud, encontramos uma concepção típica na qual o que é ouvido da mensagem materna precede o que é visto da ausência do pênis. Nesse esquema, a possibilidade de desinvestir a percepção se aplica apenas à mensagem ouvida, uma recusa que se rompe diante da inevitável e implacável percepção do que é visto. Esse desinvestimento, essa recusa da mensagem, tem o intuito de eliminar o seu valor traumático, a sua significância psíquica e, na verdade, a sua ressonância com os efeitos da regressividade extintiva. Neste caso, considerado típico, somente o primeiro tempo é afetado por tal recusa, ao passo que o segundo deveria provocar, pelo contrário, a ruptura da recusa. O complexo de castração alcança, por meio desse processo típico, toda a sua eficiência. Ele trabalha para a instauração do Supereu, para a resolução do complexo de Édipo e para a entrada no período de latência.

Contudo, em outros artigos, inclusive nos dele mesmo, Freud atribui, às vezes, a precedência ao que é visto. O que é ouvido virá atribuir *après-coup* o seu valor ao que é visto que, por sua vez, neste esquema é afetado pela recusa da percepção.

Dessas duas concepções, Freud deduz duas maneiras de resolver o complexo de Édipo, baseando-se neste jogo da precedência da retirada da recusa sobre o que é visto ou ouvido. A precedência da retirada do que é ouvido sobre o que é visto consiste na solução *Édipo-menino*, ao passo que aquela do que é visto sobre o que é ouvido gera a solução *Édipo-menina* (1924). O Édipo-menino afirma que *o complexo de Édipo perece da angústia da castração*; o outro, o Édipo-menina, alega que o trauma já ocorreu, a percepção da perda sendo, assim, primeira e, no melhor dos casos, a porta de entrada, por meio do que é ouvido, no complexo de Édipo.

Mais do que um conflito entre visto e ouvido, trata-se de um conflito entre a renúncia e a recusa, entre o reconhecimento do pênis ausente e a esperança da sua recuperação, isto é, a inveja do pênis. Tal aspiração pode manter uma recusa tanto do que é visto quanto do que é ouvido. Nessas três concepções, a recusa da realidade da castração é acompanhada pela tentativa de eliminar o seu valor psíquico, ou seja, pela transvaloração do afeto de pavor. É somente a retirada da recusa referente ao conjunto destas experiências de mensagens e percepções que tornará possível o juízo de sentido e o reconhecimento da realidade de ser dotado ou desprovido, assim como das realidades psíquicas relacionadas àquelas anteriores e, por fim, a elaboração das realidades do feminino e do masculino.

Uma parte da atividade de julgar, logo, da prova da realidade, é descartada ao mesmo tempo em que se instaura uma recusa, mesmo que temporânea. O Supereu e a recusa encontram-se associados, sendo que o primeiro exige o segundo quando um processo regressivo reivindica a sua realização. Este é o caso do sonho, em que a censura vigia o seu trabalho e se torna guardiã do sono para poder cumprir as funções econômicas vitais. O imperativo processual demanda, assim, que o juízo de sentido seja posto em latência, em proveito de um juízo regressivo, de retenção, de inscrição e de verossimilhança. Portanto, o Supereu exige de si mesmo uma regressão momentânea com valor de autoeliminação temporânea parcial. O próprio Supereu demanda ser posto parcialmente em latência.

Em 1924, em *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud percebe bem a dificuldade teórica de conceber que o Supereu possa surgir apenas sob o impulso de solicitações externas, a partir de um complexo de castração fundado em uma exterioridade aleatória. Ele frisa o papel do endopsíquico. O complexo de Édipo é *um fenômeno determinado pela herança e preestabelecido por ela*. Se, por um lado, envolve a filogênese na universalidade e na futura impersonalização do Supereu, por outro dá a entender que existe uma verdadeira fisiologia do desenvolvimento, embora um tanto frágil. A instância encontra-se presa nessa contradição entre uma coerção vinda de fora e um imperativo interno para a sua instauração. É claro que Freud não renuncia à dimensão ontogenética e ao aleatório do fortuito. Para que se

Bernard Chervet

torne eficiente, a dimensão filogenética precisa encontrar a mensagem de ameaça da castração e, depois, a percepção da realidade da ausência do pênis no corpo da menina. Uma consequência fundamental resulta de tal fato: *a organização genital fálica da criança sofre essa ameaça de castração*. Toda a lógica da transposição está nas entrelinhas, mas não é desenvolvida. A necessidade de encontrar externamente correspondências e concordâncias denomináveis “visto” e “ouvido”, bem como a necessidade de estabelecer este imperativo impessoal por meio de tais transposições e cooptações identificantes, são apenas sugeridas. Em contrapartida, Freud descobre a solução resultante de uma recusa estável, isto é, a castração recusada atravessa o Eu à sua revelia (1925/1992e)<sup>15</sup>, deixando nele sua marca por meio de uma clivagem (1924 [1923]/1992a)<sup>16</sup>. O Eu revela-se portador da castração recusada. Neste caso, uma parte do imperativo é eliminada ao invés de ser posta em latência, o que explica a perda da reversibilidade da recusa.

Em 1923, Freud já tinha afirmado que a pressão do constitucional e do processual prevaleceria sobre aquela relativa aos acontecimentos da história individual (1923 [1922]/1991b)<sup>17</sup>. É esta realidade *orgânica*<sup>18</sup> (*Por que a guerra?*) (1933 [1932]) que ele reitera com o *fator fisiológico*<sup>19</sup> em 1932 (*A aquisição e o controle do fogo*) (1932 [1931]). Freud defendera tal realidade impessoal com as fantasias originárias, realidade esta que prevalece sobre a história individual. Na verdade, as referidas fantasias originárias são traduções, em termos fantasmáticos, das articulações das instâncias com os efeitos de negatização que pesam sobre as próprias operações processuais, expressando a realidade dos mecanismos psíquicos envolvidos no trabalho psíquico, a sua realidade impessoal. Por meio de sua formulação relacional, tais fantasias contribuem novamente para oferecer um desconhecimento quanto a essa determinação endógena. Contudo, as formulações que as designam, privilegiando a relação com o mundo externo, permitem deduzir que sua eficiência demanda, para ser realizada, a transposição

<sup>15</sup> “Aprenderei, talvez, que o que estou repudiando não apenas ‘está’ em mim, mas vez e outra ‘age’ também desde mim para fora” (p. 183) [Algumas notas adicionais sobre a interpretação de sonhos como um todo, *ESB*, v. 19, p. 165, (1925/1976)].

<sup>16</sup> “Em segundo lugar, será possível ao Ego evitar uma ruptura em qualquer direção deformando-se, submetendo-se a usurpações em sua própria unidade e até mesmo, talvez, efetuando uma clivagem ou divisão de si próprio” p. 7). [Neurose e psicose, *ESB*, v. 19, p. 193, (1924 [1923]).

<sup>17</sup> “Sobre o mecanismo da própria formação onírica, sobre a elaboração onírica no sentido estrito da palavra, nunca se exerce qualquer influência. Podemos estar inteiramente seguros disso” (Freud, (1923 [1922]/1991d, p. 173). [Observações sobre a teoria e a prática da interpretação de sonhos. *ESB*, v. 19, p. 145, 1923 (1922)].

<sup>18</sup> N.T.: Tradução de Jayme Salomão. Freud, S. (1976). *Por que a guerra?*. In *ESB – Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (Vol. 22, p. 258). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932])

<sup>19</sup> N.T.: Tradução de Jayme Salomão. Freud, S. (1976). *A aquisição e o controle do fogo*. In *ESB – Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (Vol. 22, p. 233). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932])

para tal exterioridade de apoio. Este desvio animista é responsável por instaurá-las ao mesmo tempo em que acompanha a lógica fóbica destacada acima.

Já sublinhamos que Freud não utiliza completamente essa lógica da transposição-cooptação para examinar o complexo de castração, sentindo-se tentado a atribuir uma origem externa à mensagem e à percepção. Daí resultam as contradições que outrora destacamos, sobretudo as que se referem à temporalidade dos dois tempos, o visto e o ouvido, e à relação de cada um deles com a recusa da realidade.

A questão levantada na introdução, isto é, a relação que existe entre a parte da realidade da renúncia não realizada e a citada perda da realidade, aclara-se progressivamente. Assim, a perda de uma parte da realidade processual está dissimulada na formulação de 1924, na expressão “perda da realidade”. Esta compreensão pode ser prolongada pela questão do destino do imperativo posto em latência, liberado para a realização de um trabalho psíquico exigido.

Outra forma de abordar as categorias nosográficas consistiria em começar a estudá-las pelas noções de *Supereu inconsciente* e de *imperativo inconsciente* e em acompanhar o destino da parte da economia do Supereu não envolvida no trabalho psíquico esperado, aquela parte da libido processual não utilizada para realizar uma renúncia e mantida *inconsciente*. A libido processual do Supereu poderia ser denominada *libido de renúncia*.

É exatamente a libido e suas diversas modalidades que Freud enfoca quando da sua última tentativa de classificação em 1931 (1931/1995). Neste artigo, ele designa uma libido do Id, uma libido do Eu e outra do Supereu, as três com qualidades diferentes. Freud esboça uma última tentativa de tipologia nosográfica tomando por base essas diversas qualidades libidinais e as suas divisões e distribuições tópicas, bem como as suas respectivas proporções na economia geral. O elemento de referência passa a ser o que há de mais misterioso na teoria psicanalítica, isto é, a realidade da libido. Dessa forma, Freud faz um convite para nos determos nos processos inconscientes envolvidos na gênese das diversas modalidades de libido e nas formas derivadas das suas respectivas distribuições e interferências, processos estes que fazem parte do modelo de funcionamento psíquico ideal, a única verdadeira referência, completamente teórica, cuja representação concreta permanece evolutiva.

Em seu segundo artigo de 1924, Freud reconhece a existência de uma perda da realidade, mas insiste, sobretudo, naquilo que é fundamental para a psicanálise, ou seja, se uma parte processual não ocorrer, algo mais – regressivo ou até mórbido – é construído a partir daquilo que deveria ter ocorrido. Na neurose, se o Supereu inconsciente não permitir a resolução-dissolução do complexo de

Bernard Chervet

---

Édipo, a parte da libido processual não utilizada, isto é, a libido de renúncia, encontra um destino diferente, produzindo outras formações de compromisso. A abordagem diferenciadora das categorias nosográficas parece aproveitar este imperativo processual, que pode ser um imperativo de erogenização, um imperativo de narcisização ou um de objetalização. O Supereu reúne os três no seu interior, ao passo que o para-excitação e a censura designam, respectivamente, os dois primeiros.

Tal diferenciação entre várias modalidades de imperativo pode ser utilizada para abordar as distinções nosográficas que não se referem à exclusão de uma ou várias dessas modalidades: por exemplo, nas neuroses, a colocação em latência do imperativo de enlutamento explica a ausência da resolução do complexo de Édipo e a produção do retorno do recalcado. O resultado final depende, assim, dessa parte descartada do imperativo e do destino da libido superegógica não utilizada pelo trabalho do luto não realizado.

Assim, nas neuroses de transferência, a *colocação em latência* do imperativo de enlutamento tenta responder às dificuldades do recalque; nas psiconeuroses narcísicas, trata-se da *rejeição* de uma dessexualização, imposta por uma identificação defeituosa; nas psicoses, há uma *eliminação* da coexcitação com uma parte da realidade recusada e substituída pela criação de uma neo-realidade. Essas categorias clínicas se dividem conforme o destino da renúncia e o tipo de trabalho realizado, se é enlutamento, dessexualização ou coexcitação.

Assim como ocorre com qualquer esquematização, esta deve curvar-se diante da diversidade clínica representada pelas múltiplas combinatórias que fundam as *tópicas fragmentadas*. É oportuno acrescentar a participação da recusa da realidade perceptível, sobretudo da recusa da realidade da castração por meio da percepção das infinitas diferenças. A perda de uma parte da realidade processual, de uma parte da renúncia, encontra-se em íntima correlação com esta recusa, sendo que a primeira invoca a segunda, que vem limitar seus danos.

É esta complexidade que Freud percebe ao elaborar a teoria da recusa. Tornando-se um conceito, ela permite reunir os mecanismos normais de desinvestimento, de regressão tópica e de para-excitação com aqueles, mórbidos, de recusa crônica e de escotomização. Uma reflexão sobre as relações da recusa da realidade percebida com a colocação em latência ou até mesmo com a perda de uma parte da realidade processual mostra-se presente em todos os artigos do último período de sua obra, desde o artigo sobre o fetichismo até aquele sobre a clivagem do Eu. A complexidade se deve ao fato de que o mecanismo de recusa incidente sobre a realidade percebida por meio da sensorialidade não pode mais ser reservado a uma categoria psicopatológica. Freud confirmou o alcance dessa

constatação ao afirmar, em 1939, em *Esboço de psicanálise* (1940 [1938]/1975), que “um sonho, então, é uma psicose”, isto é, “uma psicose de curta duração sem dúvida, inofensiva, até mesmo dotada de uma função útil” (p. 39)<sup>20</sup>.

O sonho efetua a realização alucinatória do desejo, desempenhando a função de guardião do sono e de promoção de uma neo-realidade verossímil por meio da qual satura a face interna da tela da consciência. Nenhuma das suas missões concretas pode, por si só, servir como referência para uma classificação, a não ser que seja idealizada em detrimento das outras. Defender a referência a um funcionamento psíquico ideal – certamente teórico – obriga, em contrapartida, a introduzir a realidade traumática da extinção pulsional, a recusa da realidade que incide nas percepções sensoriais, especialmente na realidade perceptível da falta, e a relação destas com as vicissitudes da renúncia nos processos psíquicos. O respeito a esta complexidade é responsável pela dinâmica muito peculiar do funcionamento psíquico em dois tempos. O processo em dois tempos é aquele do *après-coup*, composto por um primeiro tempo regressivo que ocorre sob o efeito da atração regressiva extintiva e, em seguida, por uma retenção que se opõe à extinção pulsional, retenção esta que se combina com uma inscrição da economia em representações de coisa e, por fim, com uma orientação progrediente dos investimentos para a consciência, com a promoção de um suplemento de desejo livre de qualquer objeto e aberto à descoberta do mundo. □

## Abstract

### Neurotic reality, reality refusal, and renunciation reality

After the second topic, Freud refers to a loss of reality, in order to differentiate neurosis from psychosis. In neurotic reality, the role of active imperatives before the installment of the Superego reveals that it refers to the loss of the bereavement process by the oedipal objects, responsible for the emergence of mature objectality, hence the regression to an infantile objectality. Both realities, external and intrapsychic, maintain transposition and cooptation reports. The transposition of extinctive drive tendencies happens over the threats heard and the absences seen. The castration complex is thus installed with its two moments linked to the conflict between refusal and renunciation to be made. In refusal, the renunciation libido is lost to the ideal psychic functioning. It is useful to construct surrogate realities. The proof of reality and value judgement are affected.

<sup>20</sup> N.T.: Tradução de Jayme Salomão. Freud, S. (1969). *Esboço de psicanálise*. *ESB – Moisés e o monoteísmo. Esboço de psicanálise e outros trabalhos*, (Vol. XXIII, Cap. VI, p. 199.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940 [1938])

Bernard Chervet

---

Keywords: Neurosis; Transposition; Cooptation; Reality principle; Imperative renunciation; Castration reality; Refusal; Proof of reality; Value judgement

## Resumen

### **Realidad neurótica, renegación de la realidad y realidad de la renuncia**

Después de la segunda tópica, Freud se refiere a la pérdida de la realidad para diferenciar las neurosis de las psicosis. En la realidad neurótica, el rol de los imperativos activos antes de instalar el Superyó muestra que la pérdida en cuestión es la del proceso de poner de luto los objetos edípicos, responsables por el advenimiento de la objectalidad madura; de ahí una regresión a la objectalidad infantil. Las dos realidades, externa e intrapsíquica, mantienen relaciones de transposición y cooptación. La transposición de las tendencias pulsionales extintivas ocurre sobre las amenazas escuchadas y las ausencias vistas. El complejo de castración se instala con sus dos etapas vinculadas al conflicto entre la renegación y teniendo en cuenta las renunciaciones por realizar. Durante la renegación, la libido de la renuncia se pierde al funcionamiento psíquico ideal. Ella sirve para constituir sustitutos a la realidad. La prueba de la realidad y el juicio del yo se ven afectados.

Palabras clave: Neurosis; Transposición; Cooptación; Principio de realidad; Imperativo de renuncia; Realidad de castración; Renegación; Prueba de realidad; Juicio de significado

## Referências

- Chervet, B. (1996). La réalité somatique de la castration et sa double perception endopsychique. Clivage et cycle de la latence. *Bulletin de la SPP*, 40 : 21-29.
- Chervet, B. (2009). L'après-coup, la tentative d'inscrire ce qui tend à disparaître. *Revue Française de Psychanalyse*, 73(5): 1361-1441.
- Chervet, B. (2013). L'appel au père et le meurtre fondateur. *Revue Française de Psychanalyse*, 77(5) : 1510-1515.
- Ferenczi, S. (1970). Le développement du sens de réalité et ses stades. In *Psychanalyse 2* (pp. 51-65). Paris : Payot. (Œuvre originale publiée en 1913)
- Freud S. (1989). De la genèse du fétichisme. *Revue Internationale d'histoire de la psychanalyse*, 2 : 421-439. (Article originale publiée en 1909)
- Freud, S. (1975). *Abrégé de psychanalyse*. Paris : Puf. (Œuvre originale publiée en 1940 [1938])

## Realidade neurótica, recusa da realidade e realidade da renúncia

- Freud, S. (1982). Pour introduire le narcissisme. In *La vie sexuelle*. Paris : Puf. (Œuvre originale publiée en 1914)
- Freud, S. (1986). Complément métapsychologique à la théorie du rêve. In *Métapsychologie*. Paris: Gallimard. (Œuvre originale publiée en 1915)
- Freud, S. (1988). À partir de l'histoire d'une névrose infantile. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 13, pp. 5-118). Paris : Puf. (Œuvre originale publiée en 1918 [1914])
- Freud, S. (1989a). Du bien-fondé à séparer de la neurasthénie un complexe de symptômes déterminé, en tant que «névrose d'angoisse». In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 3, pp. 29-58). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1895)
- Freud, S. (1989b). Sur le mécanisme psychique de l'oubliance. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 3, pp. 243-251). Paris : Puf. (Œuvre originale publiée en 1898)
- Freud, S. (1991a). Psychologie collective et analyse du moi. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 16, pp. 255-301). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1921)
- Freud, S. (1991b). Remarques sur la théorie et la pratique de l'interprétation du rêve. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 16, pp. 165-179). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1923 [1922])
- Freud, S. (1991c). Le moi et le ça. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 16, pp. 255-301). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1923)
- Freud, S. (1991d). La tête de Méduse. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 16, pp. 165-179). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1940 [1922])
- Freud, S. (1992a). Névrose et psychose. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 17, pp. 1-7). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1924 [1923])
- Freud, S. (1992b). La disparition du complexe d'Œdipe. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 17, pp. 25-33). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1924)
- Freud, S. (1992c). La perte de la réalité dans la névrose et la psychose. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 17, pp. 35-41). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1924)
- Freud, S. (1992d). Le problème économique du masochisme. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 17, pp. 9-23). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1924)
- Freud, S. (1992e). Quelques suppléments à l'ensemble de l'interprétation du rêve. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 17, pp. 173-188). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1925)
- Freud, S. (1992f). Quelques conséquences psychiques de la différence des sexes au niveau anatomique. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 17, pp. 189-202). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1925)
- Freud, S. (1992g). Inhibition, symptôme et angoisse. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 17, pp. 203-286). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1926 [1925])
- Freud, S. (1994a). La question de l'analyse profane : entretien avec un homme impartial. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 18, pp. 1-92). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1926)
- Freud, S. (1994b). Fétichisme. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 18, pp. 123-131). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1927)

Bernard Chervet

---

- Freud, S. (1995). Des types libidinaux. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 19, pp. 1-6). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1931)
- Freud, S. (1996a). Introduction à : « Sur la psychanalyse des névroses de guerre ». In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 15, pp. 217-223). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1919)
- Freud, S. (1996b). Au-delà du principe de plaisir. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 15, pp. 217-223). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1920)
- Freud, S. (1996c). De la psychogenèse d'un cas d'homosexualité féminine. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 15, pp. 233-262). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1920)
- Freud, S. (1998). Formulations sur les deux principes de l'advenir psychique. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 11, pp. 13-21). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1911)
- Freud, S. (2000). Doctrine générale des névroses (3e partie : Doctrine générale des névroses. Leçons 16 à 28). In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 14, pp. 249-480). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1917)
- Freud, S. (2004). *Le Président Schreber. Remarques psychanalytiques sur un cas de paranoïa (dementia paranoides)*. Paris: Puf, 120p. (Œuvre originale publiée en 1911)
- Freud, S. (2009). Totem et tabou. In *Oeuvres complètes de psychanalyse*, (Vol. 11). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1912-13)
- Freud, S. (2010). Abrégé de psychanalyse. In *Oeuvres complètes de psychanalyse* (Vol. 20, pp. 225-305). Paris: Puf. (Œuvre originale publiée en 1940 [1938])
- Janet, P. (1919). *Les névroses*. Paris: Ernest Flammarion, Éditeur, 397 p. Collection : Bibliothèque de Philosophie scientifique. (Œuvre originale publiée en 1909)

Recebido em 02/01/2020

Aceito em 04/03/2020

Tradução de **Vanise Dresch**

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

**Bernard Chervet**

16 rue Jacques Callot

75006 – Paris – França

bernard@chervet.fr

© *Bernard Chervet*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA